

“INFELIZMENTE NÃO ESCAPÁMOS Á MOLÉSTIA DA GUERRA”

A gripe espanhola e seus efeitos no estado do Piauí (1918 – 1919)

“UNFORTUNATELY WE DID NOT ESCAPE THE DISEASE OF WAR”

The spanish flu and its effects in the state of Piauí (1918 – 1919)

MARCUS PIERRE DE CARVALHO BAPTISTA¹

ANA KAROLINE DE FREITAS NERY²

RESUMO

Este artigo se propôs a discutir os efeitos que a pandemia da gripe espanhola teve no Piauí entre os anos de 1918 e 1919, refletindo acerca do imaginário social dos indivíduos afetados por esta, além das terapêuticas para tratar àqueles acometidos pela doença. A metodologia constou de pesquisa bibliográfica e documental, utilizando-se fontes com registros da doença, como jornais, livros de memória e documentos do poder executivo. Através da documentação trabalhada se verificou que à medida que a pandemia se instalava no Piauí houve uma modificação sensível no imaginário social e no cotidiano da população, considerando o medo da doença, além da difusão de profilaxias específicas que visavam tratar os enfermos.

Palavras-chave: Gripe Espanhola; Piauí; Tratamentos.

ABSTRACT

This article aimed to discuss the effects that the Spanish flu pandemic had in Piauí between 1918 and 1919, reflecting on the social imaginary of individuals affected by it, in addition to the therapies to treat those affected by the disease. The methodology consisted of bibliographical and documentary research, using sources with records of the disease, such as newspapers, memory books and documents from the executive branch. Through the documentation worked, it was verified that as the pandemic settled in Piauí, there was a sensitive change in the social imaginary and in the daily life of the population, considering the fear of the disease, in addition to the dissemination of specific prophylaxis that aimed to treat

¹ Professor substituto do departamento de História da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor em História do Brasil. E-mail: marcus.baptista22@gmail.com.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (PPGHB/UFPI). E-mail: karolnery20@hotmail.com.

the sick.

Keywords: Spanish Flu; Piauí; Treatments.

INTRODUÇÃO

Em 1919 o então governador do estado do Piauí, Eurípedes Clementino de Aguiar³, apresentou à Câmara Legislativa piauiense o relatório de governo que trazia os principais acontecimentos e ações tomadas pelo poder público estadual no decorrer do ano de 1918, mais especificamente entre 1 de junho de 1918 e 1 de junho de 1919, esta última sendo a data de apresentação do documento.

Dentre as questões postas, uma especificamente ao tratar sobre a situação de saúde pública do estado chama-nos atenção: o registro da chegada em território piauiense de uma nova doença, que naquele contexto provocava uma nova conjuntura pandêmica, a gripe espanhola.

As condições sanitárias e de saúde do estado faziam parte de discussões no que tange a necessidade de melhoramento da salubridade do meio, bem como a ampliação de ações voltadas à profilaxia de várias doenças que eram epidêmicas⁴ e endêmicas⁵ no Piauí (NERY, 2021). A chegada da gripe espanhola, considerada no momento como uma doença sem tratamento adequado definido, causava medo e uma série de incertezas quanto as medidas de prevenção e cuidado, envolvendo discussões que inseriam ações efetivadas pelo estado junto ao corpo médico e a população.

Assim, entre os anos de 1918 e 1919 a gripe espanhola assolou o mundo causando dezenas de milhões de mortes com estimativas variando entre 20 e 50 milhões de óbitos (SCHWARCZ; STARLING, 2020). No Brasil a primeira

³ Nascido em 19 de janeiro de 1880 em São José dos Matões e falecido em 1953 em Teresina. Ao longo de sua vida atuou enquanto médico, jornalista e político, tendo assumido diversos cargos, dentre eles o de deputado estadual na Assembleia Legislativa do Piauí e o de governador do mesmo estado entre os anos de 1916 e 1920. Foi ainda deputado federal entre 1921 e 1923 e senador de 1924 até 1930 quando por ocasião da ascensão de Getúlio Vargas ao poder teve o mandato suspenso (GONÇALVES, 1997).

⁴ Sobre epidemia e pandemia ver Moura (2012), Lemos (2019), Goulart (2003), Souza (2009), Bertolli Filho (2003), Bertucci (2004;2012), Schwarcz e Starling (2020).

⁵ Acerca de endemia ver Moura (2012) e Baptista e Nascimento (2021)

notícia que se tem da enfermidade data de setembro de 1918, possivelmente trazida pela embarcação a vapor Demerara, que, segundo as notícias da época, não apenas trouxe passageiros infectados pela gripe como também mortes em decorrência desta. O vapor, proveniente da Inglaterra, nas primeiras duas semanas de setembro teria aportado nas zonas portuárias de Recife, Salvador e Rio de Janeiro e, assim, a moléstia chegara ao Brasil (SOUZA, 2009).

Não demorou muito tempo para a doença se espalhar e afetar outros estados brasileiros de norte a sul por meio da costa brasileira, a exemplo do Piauí (SCHWARCZ; STARLING, 2020). No final de 1918, através da vila de Amarração e seu porto⁶, no litoral piauiense, a enfermidade ingressou no território do Piauí, alastrando-se, possivelmente, por todo o estado (PIAÚI, 1919).

Deste modo, o objetivo deste artigo foi refletir acerca dos efeitos que a gripe espanhola provocou no estado do Piauí, como esta afetou o imaginário social na época neste estado, bem como os tratamentos utilizados para reduzir os sintomas causados pela doença e, consequentemente, evitar a possibilidade de morte. Utilizamos enquanto metodologia a pesquisa bibliográfica para compreensão do contexto ora tratado, tendo como principais referências autores como Goulart (2003) e Schwarcz e Starling (2020). Dialogamos ainda com Tuan (2005) e Delumeau (2009) no que se refere ao conceito de medo, Pesavento (2006) no tocante ao conceito de imaginário social, e Ricoeur (2007) quanto a memória e lembranças para operacionalização das fontes.

Quanto a pesquisa documental para esta narrativa empregamos documentos que trouxessem registros da doença, como jornais publicados na época, livros de memória de piauienses que viveram durante o período, bem como documentos do poder executivo piauiense do ano de 1919 e 1920.

Assim, a partir da documentação analisada e bibliografia consultada foi possível refletir de que modo a presença da gripe espanhola no estado do Piauí afetou o imaginário social da época provocando o medo na população em função da possibilidade de contágio e, consequentemente, da morte, além dos métodos

⁶ Sobre a importância do porto de Amarração para a economia e política piauiense, bem como para a disseminação de doenças no Piauí ver Queiroz (1998), Rego (2010), Vieira (2010), Baptista (2022) e Baptista (2023).

de profilaxia e tratamento utilizados pela população piauiense neste contexto.

1. “A DOENÇA VEM DE LONGE”: REFLEXÕES SOBRE A DISSEMINAÇÃO, CONTÁGIO E SINTOMAS DA GRIPE ESPANHOLA

Em agosto de 1918, já em fins da Primeira Guerra Mundial (HOBBSAWM, 1997), começam a surgir notícias na imprensa europeia sobre uma nova doença, uma nova gripe que, após certo tempo, passou a ser conhecida como gripe espanhola ou influenza espanhola. Assim, os primeiros registros que aparecem acerca da enfermidade neste contexto foram, aparentemente, em Senegal, apontando o porto de Dakar neste país, talvez, como a origem da doença. Sua denominação, no entanto, ocorreu em função do primeiro país que teve mais taxas de óbitos ter sido a Espanha, com o próprio rei sucumbindo perante a enfermidade (GOULART, 2003).

Não apenas isto, mas o fato de que a Espanha não censurou os seus jornais, além de que a informação sobre a doença ter circulado livremente, diferente de outros países europeus, também favoreceu que a nova gripe fosse vinculada aos espanhóis. O mundo, deste modo, ficou sabendo da doença através da Espanha (GOULART, 2003).

A idéia de “esconder” a doença fora sustentada no início da pandemia por instituições de prestígio, como a Royal Academy of Medicine de Londres, mas em meados de setembro poucos ainda acreditavam na suposta origem. Portanto, a explicação para a imputação do nome espanhola tem raiz políticas, devendo-se também à posição de neutralidade da Espanha durante a Primeira Guerra Mundial, assim como às demonstrações de simpatia por parte de uma facção do governo espanhol pelos alemães. Os ingleses foram os padrinhos, dando o nome com o qual a epidemia de 1918 ficou conhecida, e reafirmando uma tendência antiga de batizar com o nome do país vizinho, como fizera no século XVII, as doenças que da Espanha atravessavam a fronteira e entravam em seu país (GOULART, 2003, p. 14).⁷

O certo é que a doença foi se alastrando e ocasionando morte e euforia

⁷ Outra explicação que também pode ser considerada nesta conjuntura é que esse nome teria sido dado pelos franceses em uma atitude de xenofobia em função de trabalhadores que vinham da Espanha para França e que, supostamente, teriam levado a doença, ou seja, ninguém sabe ao certo a origem da doença e esta, talvez, jamais seja esclarecida (GOULART, 2003).

em diversos países. Não precisou chegar ao Brasil para que atingisse os brasileiros. A missão médica brasileira enviada para a guerra, cujo paquete ancorou no porto francês da África, foi atingida pela gripe levando ao adoecimento e morte de vários de seus médicos (BERTUCCI, 2004).

Não obstante isto, os exércitos e suas movimentações na Primeira Guerra Mundial, ainda que esta já estivesse próxima do fim, também serviram para a disseminação da doença, além da própria Guerra ter sido usado como justificativa para omitir informações sobre essa nova enfermidade que passava assolar as localidades nas quais adentrava (GOULART, 2003). Deste modo,

As baixas impostas aos exércitos combatentes na Primeira Guerra Mundial, fizeram com que as notícias sobre a nova peste fossem omitidas, numa tentativa de não fornecer armas para o contra-ataque dos inimigos, não trazendo a público o real conhecimento sobre as condições das tropas. Essas atitudes acabaram por contribuir para relegar a epidemia de 1918 aos mais obscuros porões da memória. O Brasil não fugiu à regra, pois especialmente na Capital Federal a documentação oficial pouco menciona a epidemia, e quando faz suaviza seu impacto, dando a impressão de que se tratou de uma moléstia comum (GOULART, 2003, p. 14-15).

Portanto, na Capital da República, entre as poucas medidas tomadas inicialmente ao surgimento da doença, estão as ações da Inspetoria de Saúde do Porto do Rio de Janeiro. Dentre elas estava a determinação de uma atenção especial às embarcações procedentes de locais infectados ou suspeitos de contágio. Dessa forma, existia na época um cuidado em tentar garantir a inspeção a todos os navios que haviam partido da Europa, especialmente dos países em guerra. Porém, era desconhecido o contágio dos tripulantes com a gripe espanhola (BERTUCCI, 2004), o que corrobora com a menção de que na capital federal a documentação oficial pouco retratava a doença.

Além disso, tratava-se de uma doença de fácil contágio e, muito aquém de um surto de uma doença regular neste contexto, a gripe espanhola foi uma enfermidade que rapidamente se alastrou, tornando-se uma epidemia e, posteriormente uma pandemia. Sendo uma doença de caráter respiratório sua principal forma de contaminação é de pessoa em pessoa através das gotículas de água que são expelidas pelos indivíduos infectados à medida que falam,

espirram ou tosse, bem como por meio do contato de sujeitos saudáveis com objetos contaminados por pessoas infectadas pelo vírus (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Quanto aos sintomas estes assemelhavam-se a um resfriado, sendo possível encontrar diversos registros de acometidos pela nova gripe que descreviam dores no corpo, tosse e catarro, febres que poderiam chegar até os 40 graus Cº, vômitos, náusea, calafrios e sensibilidade à luz. A grande diferença, no entanto, foi a gravidade desta variante da gripe,

reconhecida como uma forma de influenza especialmente agressiva, e que potencializava os sintomas de uma gripe comum. Isto é, de início se parecia com um resfriado, e as pessoas sentiam, também, muitas dores no corpo. Mas havia uma particularidade: as vítimas quando seriamente infectadas sangravam pelo nariz, pelos ouvidos, pela boca, pelos olhos, pela vagina (no caso das mulheres); por qualquer orifício do corpo. Segundo o relato de testemunhas, os doentes ficavam azuis com a falta de oxigênio. Caíam de cama pela manhã e, por vezes, logo à tarde estavam mortos (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 31-32).

A quantidade significativa de sintomas, o curto período de incubação do vírus, a alta taxa de transmissibilidade e a velocidade com que uma pessoa acometida poderia ir a óbito levou ainda a divergências no âmbito da medicina no tocante a quais métodos de tratamento deveriam ser aplicados nos enfermos (GOULART, 2003).

Porém, as tentativas de um tratamento específico para a doença eram desconhecidas. O que promovia uma panaceia de métodos envolvendo desde o isolamento, a utilização de sais de quinino, como um preventivo, a antisepsia da boca e do nariz, súplicas às entidades divinas e a hospitalização (BERTUCCI, 2012). Além disso, outra particularidade da gripe espanhola é que o maior número de óbitos foi o de adultos entre 20 e 40 anos⁸, em detrimento a crianças e idosos, sendo esta última geralmente a faixa etária mais afetada por gripes (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

⁸ No caso do Piauí, por meio das fontes que tivemos acesso, foi possível observar que as pessoas citadas que foram acometidas pela enfermidade também estavam nesta faixa etária, a exemplo de Arthur Gonçalves Dias, filho de Ludgero Gonçalves Dias, tendo ido a óbito em Teresina em função da gripe espanhola e citado por Monteiro (1993) na reconstituição de sua árvore genealógica em seu livro de memórias.

Com relação ao seu surgimento, as hipóteses mais prováveis é que o vírus, originalmente existente em aves, tenha sido transmitido a um ser humano ou a um suíno, deste último, para uma pessoa, e sofrido mutação, tornando-se mais transmissível e letal. Assim, a hipótese mais provável é que o H1N1⁹ tenha sido o responsável pela gripe espanhola (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Assim, à medida que a gripe adentrava novos espaços ia deixando um cenário de desolação, provocando não apenas a morte daqueles que eram acometidos, mas também o horror, o medo (TUAN, 2005; DELUMEAU, 2009), em função desta possibilidade que agora se descortinava na vida das pessoas que enfrentavam esta nova moléstia, como foi o caso das várias cidades que a doença grassou, a exemplo do Rio de Janeiro (GOULART, 2003), Salvador (SOUZA, 2009), São Paulo (BERTOLLI FILHO, 2003; (BERTUCCI, 2004;2012) e Teresina, esta última a ser tratada no decorrer desta narrativa.

2. “A EPIDEMIA DA GRIPE HESPANHOLA ENCHE A TODOS DE DESESPERANÇA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PANDEMIA DA GRIPE ESPANHOLA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO ESTADO DO PIAUÍ

As primeiras menções que se tem sobre a chegada da gripe espanhola no território piauiense apareceram entre novembro¹⁰ e dezembro de 1918, dois meses após os primeiros registros no Brasil, quando as primeiras notícias sobre a enfermidade, aparentemente, começam a figurar na imprensa piauiense.

Segundo Silva (2020), no início de dezembro tem-se a publicação no “Jornal de Notícias” de uma exposição sobre a nova moléstia, que já se tornara pandêmica neste contexto, e que alertava à população de Teresina sobre a doença que se aproximava e os problemas provocados por esta na então capital da República, a cidade do Rio de Janeiro.

Como já mencionado a doença anunciada na imprensa piauiense, grassou em território piauiense ao que tudo indica no final de 1918,

⁹ Para uma melhor compreensão sobre a classificação do vírus ver Schwarcz e Starling (2020).

¹⁰ Na memória de Antonio Bugyja Britto, a ser tratada posteriormente, a referência a presença da gripe em Teresina decorre em novembro.

provavelmente, entre novembro e dezembro daquele ano (PIAUÍ, 1919) e, juntamente a ela, o rastro de mortes e horrores provocados em outras regiões também se sucedeu no estado piauiense.

Além disso, a estrutura sanitária e a saúde pública no Piauí eram precárias na Primeira República (MELO FILHO, 2000). Condição esta que predominava no cenário urbano piauiense desde períodos anteriores, marcada por incipientes investimentos na saúde pública, conjunturas de secas e instalação de migrantes¹¹, o que possibilitava um maior contingente de doentes e desamparados à mercê do estado e presentes nas ruas, especialmente enquanto indigentes.

Segundo Queiroz (2011, p. 31) ao retratar Teresina, “[...] preocupações com as epidemias e com a elevada taxa de mortalidade faziam emergir críticas às condições sanitárias da cidade, onde nem a intendência nem o próprio povo pareciam preocupar-se com esses problemas”. Na verdade, boa parte da população desamparada acometida por enfermidades, mal tinha condições ou noção de estados de calamidades por doenças. Já o governo e a população mais abastada, agiam com o que parecia ser mais conveniente ao momento, pondo em prática o processo de embelezamento da cidade apenas excluindo os pobres do centro, ao invés de tomar medidas de amparo e cuidado (ARAÚJO, 1997).

Portanto, foi com as experiências de momentos de surtos epidêmicos, que no decorrer dos anos as discussões médicas e políticas, principalmente relacionadas à higiene pública, foram sendo intensificadas visando à cura das enfermidades a partir de um projeto de melhoria urbana (NERY, 2021). Além das condições sanitárias da capital do Piauí e dos municípios onde a gripe espanhola grassou, as poucas instituições de saúde para o tratamento ou profilaxia de enfermidades, ocasionava também dificuldades no enfrentamento da doença.

Assim, nas Mensagens apresentadas à Câmara Legislativa piauiense pelo então governador do estado do Piauí, Eurípedes Clementino de Aguiar, no ano de 1919 e 1920, tem-se não apenas as medidas tomadas pela administração pública para o enfrentamento da enfermidade, mas também os efeitos

¹¹ Sobre este contexto de secas entre o século XIX e XX, a presença de migrantes no Piauí e seu quadro sanitário ver Araújo (1997; 2010), Melo Filho (2000), Albuquerque Júnior (2001) e Baptista (2023).

provocados pela doença no Piauí, bem como, aparentemente, o medo diante da ameaça sanitária que pairava sobre o estado naquele momento e que afligia diversas outras localidades no mundo.

Ao ingressar no litoral do Piauí pelo “porto” de Amarração¹², a gripe espanhola foi espalhando-se por outros municípios, causando medo e se manifestando rapidamente e logo apareceram os primeiros sintomas entre os indivíduos. Em Parnaíba, cidade localizada no litoral do estado, a Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba, criada em 1896, era a instituição que atuava no tratamento de diversas doenças que acometiam a população da cidade e de outros municípios (ROCHA, 2021).

Segundo Rocha (2021), algumas medidas foram designadas em sessões da instituição por seus representantes, médicos e o estado. Dentre elas estavam a ação da Santa Casa, bem como a possibilidade da criação de um posto de socorro para os indigentes acometidos pela doença, e que este poderia funcionar nas dependências da instituição, desde que as despesas fossem de responsabilidade do governo. Sobre a quantidades de casos registrados ainda revela a autora:

A moléstia pandêmica só começou a aparecer nos registros da Santa Casa de Parnaíba em 1918, com 5 casos de gripe. Esses registros se intensificaram nos anos posteriores, constando 24 casos, em 1919, e 31 casos, em 1920. Existe a possibilidade de ter outro registro para a doença, já que os pacientes ficaram separados em um prédio específico, onde foi instalado o Posto de socorro para os acometidos da gripe, sendo esses casos apresentados do livro de registro geral de entrada e saída de pacientes do hospital da Santa Casa (ROCHA, 2021, p. 126).

Já a Santa Casa de Misericórdia de Teresina, atuava desde o ano de 1861, no tratamento de doenças que acometiam especialmente os pobres, presos, soldados de polícia, educandos e escravizados da capital e municípios

¹² A partir da Mensagem apresentada à Câmara Legislativa piauiense pelo então governador do estado do Piauí, Eurípedes Clementino de Aguiar, no ano de 1919, se verifica que a enfermidade grassou em território piauiense por meio de seu litoral, afetando inicialmente a vila de Amarração, que naquele contexto possuía um “porto” com conexão direta com outros estados brasileiros e países, Parnaíba, cidade litorânea próxima a Amarração e que se conectava diretamente a esta vila por meio do rio Parnaíba, bem como o restante do estado, tendo em vista que tratava-se da maior via fluvial piauiense conectando a capital ao litoral, bem como Teresina, a capital do estado.

próximos (FREITAS, 2020). A instituição atravessou os primeiros anos do século XX, com deficiências em recursos para a sua manutenção, solicitando quase sempre do governo e da caridade particular donativos e investimentos para manter suas enfermarias e contando com o auxílio dos poucos médicos que atuavam no tratamento dos doentes (PIAÚÍ, 1917).

Não há dados sobre a quantidade precisa de acometidos pela gripe espanhola tratados e internados na Santa Casa de Misericórdia. Para os casos da doença identificados na capital, a instituição além das internações e tratamento clínico, fornecia através da farmácia instalada no prédio¹³, medicamentos e enviava receituários aos hospitais provisórios da estrada do Poremquanto e da praça Saraiva¹⁴ (PIAÚÍ, 1919).

Algumas farmácias particulares através da compra de medicamentos feitas pelo governo, enviaram remédios para outras repartições, dentre elas: A farmácia Collect Fonseca & Cia que forneceu medicamentos para a Santa Casa de Misericórdia de Teresina, a farmácia Ferraz, que enviou medicamentos para a Secretaria de Polícia e a farmácia Marques, de Floriano, que forneceu medicamentos para Picos e Jaicós (PIAÚÍ, 1919).

Outra situação que marcou o período de presença da gripe espanhola no Piauí e as dificuldades para o tratamento dos doentes, foi a seca do ano de 1919, que ocasionou a escassez de alimentos bem como o aumento de pessoas acometidas por variadas doenças, que lotavam a Santa Casa de Misericórdia aumentando os dispêndios do poder público com os cuidados da saúde local e fazendo com que fosse solicitada ajuda de caráter ordinário do governo federal (MELO FILHO, 2000). A presença de “espanholados” entre os doentes certamente agravava mais ainda a possibilidade de amparo correto e tratamento, já que estes indivíduos acometidos pela enfermidade precisavam estar em

¹³ Em maio de 1916, foi instalada uma farmácia em um dos salões da Santa Casa. Dessa forma, alguns remédios passaram a ser preparados nesta, e os doentes da Santa Casa e do Asilo dos Alienados, que era instalado também na Santa Casa, aproveitavam de sua passagem pela instituição para o recebimento gratuito dos medicamentos (PIAÚÍ, 1917).

¹⁴ Dentre as medidas adotadas pelo governo estadual no contexto supracitado a partir das Mensagens apresentadas à Câmara Legislativa piauiense por Eurípedes Clementino de Aguiar tem-se a construção de dois hospitais nas localidades citadas com o objetivo de atender aqueles que fossem acometidos pela enfermidade, bem como a abertura de crédito de 20:000\$000 (20 contos de réis) por meio do decreto nº 712, de 6 de dezembro de 1918, para custear os gastos com hospitais, medicamentos, socorros públicos, além de garantir gêneros alimentícios para os enfermos, especialmente os indigentes, na capital e no interior do Piauí (PIAÚÍ, 1919).

enfermarias isoladas e com um tratamento clínico mais preciso devido ao caráter de transmissão da doença e propagação rápida.

Não obstante, o deficitário cenário sanitário e de saúde pública do Piauí, previamente discutido, se constituiu em agravante para quando a gripe espanhola se estabeleceu. Havia ações da Diretoria de Saúde Pública¹⁵, na organização dos serviços de saúde, porém realizava com incipiência e dificuldade a execução dessas atribuições. E a atuação das Santas Casas de Misericórdias, que dentro das possibilidades que lhe cabiam, forneciam tratamentos e amparo aos doentes do estado.

Ademais aos tratamentos realizados nas instituições e pela medicina científica, havia outros saberes, que circundavam entre as pessoas na busca da cura das enfermidades, não havendo a procura de repartições de saúde pública. Utilizavam-se de conhecimentos, repassados por gerações ou aproveitando dos recursos de ervas, plantas, rezas disponíveis no cotidiano. Para a terapêutica e profilaxia da gripe espanhola, uma variedade de saberes se mesclaram, na busca de eficácia no combate da doença.

Dessa forma, o temor em torno da doença desconhecida provocava reações das mais diversas naqueles que contraíam ou nos que tinham receio da sua chegada. Durante a sua passagem pela região sul do Piauí, o Engenheiro Agrônomo do Butantã Francisco de Assis Iglésias, relata em sua obra de memórias, orações utilizadas pelos moradores locais destinadas ao combate da gripe espanhola. Portanto, na manifestação da doença entoava-se com fé, direcionando a Deus a:

Oração devotíssima contra a peste e que se deve rezar todos os dias: A estrela do céu que criou a seu peito o Senhor, arrancou também do mundo a peste da morte que o primeiro pai dos homens plantou nele. A mesma estrela se digne agora aplacar os astros cujas armas e influxo ferem a gente de mortífero e cruel contágio. Ó estrela clementíssima do mar, livrai-nos da peste! Ouvi, Senhora, os nossos rogos, porque o vosso Santíssimo Filho, sem vos negar coisa alguma, sempre vos honra. Jesus, salvai a quem a Virgem nossa mãe vos roga. Rogai por nós Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos da promessa de cristo. Deus de misericórdia, Deus piedade. Deus indulgência

¹⁵ A Diretoria de Saúde Pública do Estado foi criada através do decreto n. 89 do dia 6 de setembro de 1898, durante o governo de Raimundo Arthur de Vasconcelos. A partir de sua criação são reorganizados os serviços sanitários do Estado. (PIAUHY, 1899).

que vos compadecemos da aflição do vosso povo e dissestes ao anjo que o faríeis suspender a vossa mão pelo amor daquela Estrela Gloriosa, cujo precioso leite, com tanta suavidade bebestes, contra o veneno dos nossos pecados, concedei-nos auxílio da vossa Divina graça para que nos livremos seguramente da peste e da morte imprevista e nos salvemos por vossa misericórdia acometimento toda perdição por vós, Jesus Cristo, Rei da Glória, que com Deus Padre e Espírito Santo um só Deus viveis e reinais por toda a eternidade. P. Nosso e Ave Maria pelas almas (IGLÉSIAS, 2015, p. 398).

Em regiões mais distantes da capital do Piauí eram inoperantes repartições de saúde e havia escassez de médicos que pudessem sanar o temido mal. Os moradores dessas localidades, ao ouvirem boatos sobre a presença de doenças contagiosas, ou quando estavam acometidos por elas, utilizavam as rezas com fins terapêuticos, sendo quase sempre o único recurso praticável. De acordo com Bertucci (2004), os valores e crenças presentes em uma sociedade são incorporados de forma singular por indivíduos de classes e grupos sociais diferentes, ganhando significados diversos e inéditos. Como foi o caso da espanhola, doença nova, sem um tratamento eficaz certo e que movimentava o imaginário da população na procura de uma única solução: a cura.

Dessa forma, o clamor a Deus, a Nossa Senhora, a Jesus, aos anjos, como vimos no trecho acima, faziam-se no entoar dos indivíduos, persuadidos por um ideal de salvação da doença através de crenças, assim como, nos pedidos de remissão de seus pecados, chegando a acreditar ainda, que a visita da doença não passava de um castigo divino. Portanto, usava-se o recurso que se tinha no temor à batida da doença à porta, promovendo e buscando sentidos através da fé.

Além das rezas com fins terapêuticos, circularam nos periódicos brasileiros diversas notas com tratamentos contra a espanhola. Formuladas por médicos e farmacêuticos, as divulgações dos medicamentos estampavam os jornais, onde a procura da eficiência, misturava-se a busca de clientela, em meio a tantos outros praticantes de cura¹⁶ que anunciavam nas ruas os seus serviços, fórmulas e remédios milagrosos dos mais variados contra a doença.

¹⁶ Quanto a esta conjuntura no século XIX ver Pimenta (2003) e com relação a este contexto no caso da gripe espanhola ver Bertucci (2004).

Denominadas quase sempre como “Conselhos e Tratamentos”; “Medidas contra a Influenza”, “A Influenza Espanhola” as publicações nos jornais contra a espanhola, sugeriam que as medidas terapêuticas deveriam envolver ações tanto individuais quanto coletivas, especialmente no que se referia ao asseio do corpo e a desinfecção das partes afetadas como a garganta, a boca e o nariz. No caso do Piauí, em 12 de novembro de 1918, emitia-se a seguinte nota no Jornal “O Estanhado”:

Como desinfetante deve-se usar um pouquinho de vasilina mentholada, na seguinte proporção: vasilina -10 gramas; menthol- 10 centig e para a boca aconselha aquele médico a seguinte fórmula: Salol – 2 g.; Thmal – meia á á; Ácido borico – meia á á; Essência de Hortelã – 10 gotas; Essência de canela – 1 gota; Álcool- 100 gram. Usar algumas gotas em um copo d’água algumas vezes por dia. [...] Use-se logo de um purgativo, preferindo-se o óleo de rícino em capsulas, duas por dia, uma pela manhã e outra a tarde: Theobromina - 1,20 g.; Bromidrato de quinino- 1,50 g.; Phenecetina 1g. Em seis cápsulas (O ESTANHADO, 1918, p. 2).

Com uma doença desconhecida se espalhando pelas mais variadas regiões do país, as tentativas de proteção contra os fortes sintomas ocasionados ou uma suposta morte, levavam ao uso de diversos recursos e que, previamente, apresentavam soluções para as corriqueiras “gripes” já tão presentes no cotidiano.

Como é mencionado na citação acima, o uso de hortelã, canela, rícino, quinino, que se constituíam em um grupo de plantas caseiras, encontradas muitas vezes facilmente nos quintais das casas, fazia parte do tratamento junto a outras composições de teor mais químico, ocasionando em remédios que buscavam um resultado eficaz para o tratamento da doença. Ao analisar a gripe espanhola em São Paulo, quando se refere aos tratamentos, Bertucci (2004), reflete sobre essa mesclagem de saberes a partir dos variados conhecimentos, desde os curandeiros, homeopatas, rezadores, aos médicos e farmacêuticos, que usavam diversas ervas e raízes junto a outras composições, proporcionando o imbricamento da medicina popular com as práticas científicas de cura.

Além dessas fórmulas de medicamentos divulgadas no jornal, eram ainda indicadas outras medidas profiláticas. O jornal referia-se, portanto, a “Profilaxia

familiar e geral”, informando sobre o isolamento do doente, desinfecção dos escarros e dos aposentos. A alimentação e o descanso do acometido pela doença faziam parte dessas indicações profiláticas. Dessa forma, recomendava-se o repouso, evitar correntes de ar, alimentar-se somente de leite, sopas magras, mingaus, chás quentes e torradas. E, para os adoentados que não tinham condições deslocamento até uma farmácia, devido especialmente ao isolamento sugerido, aconselhava-se chás quentes e fortes de canela e gengibre, ingeridos três vezes ao dia (O ESTANHADO, 1918).

Com eficácia ou não várias eram as terapêuticas que circulavam no cotidiano piauiense naquele momento. As crenças religiosas, as variadas misturas de ervas e plantas, as composições laboratoriais. Repassadas através do entoar de rezas ou estampadas em rótulos e notas nos jornais. Faziam, portanto, o movimentar de um universo de variados conhecedores das curas, que diante da espanhola como hóspede, desejavam chegar à fórmula mais rápida e eficaz para expulsá-la.

Desta forma, assim como em outras regiões, a provável chegada da enfermidade e, posteriormente, sua inserção em território piauiense, possivelmente, afetou de maneira sensível o imaginário social (PESAVENTO, 2005) da população no Piauí, tendo em vista os efeitos provocados em outras localidades. O alerta promovido pelo “Jornal de Notícias”, conforme o destaque feito por Silva (2020), bem como os registros presentes no periódico “O Estanhado” não foram à toa. A partir destes é possível apontar o medo que a nova doença de caráter pandêmico, e que já ceifara tantas almas em outros estados e fora do Brasil, agora, provavelmente, gerava na sociedade piauiense.

Não foi por acaso também as formas utilizadas nas Mensagens apresentadas à Câmara Legislativa piauiense por Eurípedes Clementino de Aguiar em 1919 e 1920 para se referir à gripe espanhola ou aos seus efeitos perante a população piauiense. “O terrível mal”, a “desesperança” e “sobressalto” provocado entre as pessoas nas localidades afetadas são algumas das maneiras que a documentação do poder executivo se utiliza para descrever a conjuntura.

A doença aparece, então, na documentação enquanto um agente do caos, um “mal”¹⁷, que acarretava a incerteza do destino daqueles que fossem

¹⁷ Foi comum no decorrer da história especialmente a ocidental, com uma tradição judaico-cristã,

acometidos, que provocava nestes sujeitos, assim como o foi em outros estados brasileiros (GOULART, 2003; SOUZA, 2009; BERTOLLI FILHO, 2003; BERTUCCI, 2004;2012; SCHWARCZ; STARLING, 2020), “[...] grande sobressalto e enche a todos de desesperanças [...]” (PIAÚÍ, 1920, p. 5), haja visto o medo da possibilidade que se descortinava com o contágio da doença: a morte¹⁸.

a identificação de enfermidades epidêmicas enquanto associadas a uma punição divina, um flagelo enviado por Deus para castigar a humanidade por seus pecados e, do mesmo modo, quando uma localidade era “poupada” da presença de uma doença, atribuíam-se a intervenção da Divina Providência. Para Tuan (2005) tratava-se de uma maneira encontrada pelas sociedades para compreenderem e darem inteligibilidade, isto é, sentido às conjunturas de caráter epidêmico vivenciadas.

¹⁸ Cabe destacar ainda que, embora o Piauí e suas principais cidades, aparentemente, não tenha vivenciado uma conjuntura similar a outros estados e municípios brasileiros, como o Rio de Janeiro, no qual a “[...] cidade foi se transformando num oceano de insepultos e as funerárias não davam vazão. Havia falta de caixões e até mesmo de madeira para fabricá-los. Para suprir as encomendas, que vinham de todos os cantos da cidade, fabricava-se os caixões com tábuas retiradas do teto e do assoalho das casas. No fim da epidemia, os corpos iam empilhados em caminhões, não sendo raro se encontrar vivos misturados aos mortos. Eles eram enterrados em valas comuns, não se respeitando mais as hierarquias sociais. Na tentativa de contornar a situação, foi contratado pessoal extraordinário, mas estes também foram tombando atacados pela moléstia” (GOULART, 2003, p. 51). Ainda assim, é possível observar algumas similaridades com o ocorrido na capital federal e as sensibilidades produzidas no Piauí. Goulart (2003), por meio da memória e documentação da época aponta como o Rio de Janeiro se tornou um cenário trágico: de luto, rostos horrorizados e, muitas vezes, em pânico. E, não apenas isto, mas também a existência de uma tentativa por parte das autoridades públicas e sanitárias de atribuir um caráter benigno da gripe buscando reduzir a situação de pânico que poderia se generalizar na cidade. Criticava-se ainda, segundo a autora, a tentativa de atribuir esta percepção benigna da enfermidade, considerando a quantidade de óbitos que a doença provocava. Além disso, em função do pânico generalizado que cada vez mais fez-se presente uma tentativa, em vão, de censurar os jornais e reduzir a disseminação de informações. Juntamente a estas notícias tinha-se ainda a propagação de informações falsas, a exemplo da suposta existência de uma outra epidemia que estaria grassando no Rio de Janeiro concomitantemente à gripe espanhola (GOULART, 2003). É pertinente este destaque haja visto que no caso do Piauí na documentação do governo estadual também há uma referência a este suposto caráter benigno da gripe em algumas localidades, bem como os registros que temos acesso sobre a doença também são contraditórios/problemáticos. Segundo a Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí por Eurípedes Clementino de Aguiar em 1919, não era possível ter certeza sobre o número total de óbitos no estado, considerando a ausência de dados, além dos numerosos enterros realizados em cemitérios clandestinos e que até a produção deste relatório a enfermidade continuava a produzir vítimas. O documento, no entanto, aponta o registro de 54 óbitos em Teresina e supõe a possibilidade de terem morrido em torno de 200 pessoas entre a segunda metade de dezembro de 1918 até as primeiras semanas de maio de 1919. Além disso, indica ainda que a epidemia também teria levado a óbito muitas pessoas em Oeiras e Picos, sem, contudo, apresentar números ou mesmo estimativas (esta última cidade também é citada na edição de 25 de janeiro de 1919 do jornal “O Estanhado” destacando-se o número elevado de vítimas, no entanto, sem apresentar estimativas). Desta forma, chama-nos atenção outro registro presente no periódico “O Estanhado” de 25 de janeiro de 1919 que afirma que naquele mês a gripe já havia acometido 3 mil pessoas na capital piauiense. Tendo em vista que a gripe chegou ao Piauí entre novembro e dezembro de 1918, conforme indicado anteriormente no decorrer desta narrativa, não nos parece improvável que tenha infectado 3 mil pessoas em menos de 2 meses apenas na capital, ainda que, possivelmente, se trate de uma estimativa grosseira, haja visto a ausência de documentos oficiais e censos que a corroborem. Além disso, considerando também que em

Não obstante isto, além dos relatórios produzidos pelo governo do estado e que permitem certas deduções sobre o imaginário social no tocante a gripe espanhola, as lembranças registradas por meio dos livros de memórias também permitem a percepção de algumas destas sensibilidades no tocante à como a população lidou com a enfermidade e, especialmente, o medo provocado por esta.

Em Rua da Glória, nos seus quatro volumes, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro¹⁹, ao tratar sobre quatro gerações de sua família por meio de suas lembranças, consultas a documentos em Arquivos Públicos, dentre eles o do Piauí, além de outros livros de memória como Teresina Descalça, e recorrendo ainda a memória (RICOEUR, 2007) de alguns membros de sua família, apresenta de maneira breve de que modo a gripe espanhola afetou sua

1873, segundo o recenseamento geral do Império de 1872 Teresina tinha em torno de 21 mil almas (SILVA, 2016) e que em 1920, pouco tempo após a pandemia, existia na capital piauiense 57.500 pessoas no Recenseamento de 1920 (BRAZIL, 1928), além de que na capital da República, nesta época possuindo quase 1 milhão de habitantes, o número oficial de óbitos tenha variado em torno de 6 mil a 14 mil óbitos, sem considerar as subnotificações, parece-nos provável que as infecções tenham sido na casa de milhares e os óbitos entre dezenas e centenas de pessoas em Teresina. Deve-se ter em vista também que a Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí por Eurípedes Clementino de Aguiar em 1920, que traz a entrada e saída de enfermos na Santa Casa de Misericórdia em Teresina, e que registra algumas dezenas de óbitos no Asilo de Alienados em função da gripe espanhola, apresenta um número reduzido de pessoas que haviam passado pela Santa Casa no ano de 1919, chegando a centenas de pessoas no decorrer daquele ano. Outro elemento que também permite corroborar com estes dados e números presentes nestes documentos é o modo como a enfermidade é tratada nos livros de memória analisados para esta narrativa. Como indicaremos posteriormente, ainda que a doença tenha provocado o medo, a tomada de ações preventivas e profiláticas, como a quarentena e o uso de medicamentos caseiros, a morte de entes queridos, não encontramos registros similares no Piauí ao Rio de Janeiro, o qual a memória dos sujeitos foi marcada pelo horror dos cadáveres acumulando-se nas ruas e pela situação de caos e pandemônio instaurada na capital da República. Assim, cabe indicar ainda que três possibilidades se descortinam diante da documentação produzida, sendo, portanto, necessário e pertinente a produção de novos estudos e a utilização de outros tipos de fontes: 1 – De modo similar ao Rio de Janeiro alguns jornais piauienses também podem ter disseminado informações equivocadas, a exemplo deste registro publicado pelo “Estanhado”, o qual pode ter exagerado no número de acometidos pela enfermidade; 2 – O número de óbitos na época foi elevado no território piauiense e o poder público minimizou/silenciou a gravidade da conjuntura na época; 3 – O caráter político presente nas publicações do periódicos locais pode ter agravado a situação ou pelo menos ampliado as críticas produzidas ao poder público quanto às ações tomadas para reduzir os efeitos da pandemia no Piauí sendo, portanto, necessário confrontar os jornais com outros documentos, principalmente memórias, fazendo, assim, uma leitura a contrapelo (ALBUQUERQUE JR., 2007).

¹⁹ Nasceu em Teresina em 23 de março de 1927 e permaneceu na capital piauiense até os 18 anos, quando por motivos de estudo se mudou para o Rio de Janeiro para ingressar na Faculdade Nacional de Filosofia na Universidade do Brasil no curso de Geografia e História. Atuou em diversas universidades brasileiras na condição de professor de geografia, tendo se aposentado pela Universidade de São Paulo em fins dos anos 1980 (MONTEIRO, 1993a).

família²⁰.

Embora o sujeito em questão tenha nascido apenas em 1927, quase 10 anos depois da epidemia grassar em Teresina, ao coletar dados para a produção de sua “crônica” sobre as quatro gerações de sua família, Monteiro (1993) termina por se deparar com um de seus parentes, especificamente um tio-avô materno, tendo falecido em decorrência da enfermidade.

O caso em destaque foi o de Arthur Gonçalves Dias, um dos filhos de Ludgero Gonçalves Dias, nascido nas décadas finais do século XIX e tendo sido uma das vítimas da “terrível ‘influenza’” (MONTEIRO, 1993b, p. 260) entre os anos de 1918 e 1919 em Teresina (MONTEIRO, 1993a). O autor, em sua narrativa, dedica alguns parágrafos nos quatro volumes da obra, tratando sobre aspectos variados como a enfermidade alterou o cotidiano da família, tanto no sentido das sensibilidades produzidas pela doença, bem como alterações no

²⁰ Ao considerarmos a partir de Ricoeur (2007) a memória enquanto fonte compreendemos que o historiador estabelece um diálogo entre aquilo que seria o vivenciado e a lógica por meio desta fonte. Deste modo, a lógica trataria de um modo de interpretar ou mediar o que teria sido vivido e que estaria sendo representado por este registro. Assim, as fontes históricas se tornam uma recomposição do que entendemos enquanto real, mas não uma referência deste, se trata de uma perspectiva sobre tempos pretéritos, enquanto o historiador produz novos sentidos e significados a partir dela. Nesse sentido, a memória, enquanto uma fonte histórica, permitiria essa relação, sendo suscetível às incursões do tempo presente, haja visto que ela não é estática e são atribuídos novos sentidos de acordo com o tempo no qual está inserida, se convertendo em formas de representar o passado que, no entanto, têm suas estruturas dependentes do presente. Ainda segundo Ricoeur (2007), não seria possível pensar em uma memória coletiva, mas distintas memórias individuais com percepções variadas de seus agentes e que estariam buscando se impor perante o Outro, só sendo possível tratar de uma memória coletiva a partir de uma ação de agentes específicos, como do Estado, para sua invenção. Quanto aos relatos memoriais, a exemplo do citado nesta narrativa, é mister indicar que sua ressignificação se opera à medida que outros indivíduos entram em contato com estes, sendo problemático a ideia que só seria possível um único significado. Assim, Ricoeur (2007), ainda que observe a Memória com desconfiança, também reforça sua pertinência, tendo em vista que, “[...] se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. [...] A ambição veritativa da memória tem títulos que merecem ser reconhecidos antes de considerarmos as deficiências patológicas e as fraquezas não patológicas da memória [...]” (RICOEUR, 2007, p. 40). Deste modo, Ricoeur (2007) ora questiona a Memória e a História, evidenciando suas fragilidades, e ora as destaca, considerando que para o autor ambas são frágeis por não possibilitarem o acesso ao passado já que seu discurso está essencialmente conectado ao tempo presente de seu autor. Ao considerarmos, então, a memória e os modos que podemos ter acesso a esta, é possível percebê-la enquanto o todo, estando a memória no singular, ao tempo em que as lembranças, no entanto, teriam seu sentido no plural, por se tratar dos constituintes desta memória a qual os sujeitos conseguem acessar por meio da rememoração (RICOEUR, 2007). No caso das lembranças de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e das memórias que teve acesso, é perceptível que os aspectos que foram rememorados dialogam com as conjunturas e as experiências que atravessavam os indivíduos no momento de produção da rememoração, cabendo indicar sua plasticidade ao invés de uma estaticidade, conforme iremos sugerir ao pensarmos sobre as possibilidades de uma memória traumática adiante.

calendário escolar na época, denotando a maneira que a sociedade teresinense foi afetada pela presença da gripe. Indica, então, que a

[...] gripe espanhola grassou pela cidade, poupando a casa de D. Júlia. Mas a família foi atingida. Arthur Gonçalves Dias, o irmão de D. Júlia, que se casara com a bela operária Lydia e já com dois meninos, foi vitimado pela terrível “influenza”. Mas o Cap. Ludgero, o velho patriarca seria poupado (MONTEIRO, 1993b, p. 260)

[...]

[...] após a epidemia da gripe espanhola que grassou em Teresina, mas da qual ela e as irmãs escaparam, para felicidade da aflita D. Júlia, que perdera, na ocasião, o seu irmão Arthur (MONTEIRO, 1993c, p. 118).

Assim, a partir da narrativa de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, produzida por meio de documentos e da memória do autor e dos familiares que conseguiu ter contato na época da pesquisa, se pode ponderar sobre a experiência de sua avó materna D. Júlia acerca da perda do irmão em decorrência da gripe. Considerando o registro produzido algumas questões chamam-nos atenção.

Retomando aos registros presentes no periódico “O Estanhado”, bem como nos relatórios do governo de estado da época, quanto ao acometimento de 3 mil pessoas em Teresina neste período e o número de óbitos estimado na casa de centenas, parece tratar-se de um dado corroborado pelas lembranças da família de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Pode-se inferir isto haja visto que apenas um tio-avô materno foi rememorado pela família de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro enquanto vítima da doença²¹, em detrimento às

²¹ Certamente pode-se tratar também de uma situação de uma memória traumática, isto é, o acontecimento pode ter sido silenciado na memória dos familiares que viveram a conjuntura em função do trauma produzido com a morte dos entes queridos (POLLAK, 1989). Afinal, como compreender uma dor que não experimentamos? Como entender um sentimento que não compartilhamos? É preciso levar em consideração, então, que o luto e a memória são produtos de um certo momento e (re) significados à medida que o sujeito vivencia novas experiências no tempo presente. Além disso, ao tratar uma memória do trauma é necessário ainda perceber uma suposta vontade de esquecimento e silenciamento por parte dos sujeitos que viveram a situação ou mesmo a necessidade de expor, de expressar o ocorrido e as sensibilidades produzidas (PORTELLI, 2006). Assim, é pertinente ter em conta a probabilidade de o trauma ter levado ao silêncio e este tornando-se uma tática encontrada pelos sujeitos para o esquecimento (POLLAK, 1989). Não sabemos, no entanto, se a morte em questão deste tio-avô materno de Carlos

memórias analisadas por Goulart (2003), que apresentam um quadro bem mais caótico e problemático no Rio de Janeiro.

Além disso, torna-se também motivo para destaque o modo como a narrativa indica que a enfermidade, supostamente, foi percebida pelos sujeitos na época em que conviveram com esta, ou seja, sua associação enquanto algo “terrível” e mesmo o sentimento de “aflição” e “felicidade” de D. Júlia. Aflição por perder o irmão para a terrível moléstia, mas ao mesmo tempo alívio de ter sido poupada. Certamente, caso D. Júlia tenha experimentado estes sentimentos, estes não foram sem propósito, mas sim relacionados ao contexto vivenciado pela avó de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, tanto no cenário local, como nacional.

Certamente D. Júlia estava ciente, por meio de alguns jornais da imprensa piauiense, dos efeitos produzidos pela doença em outras partes do mundo, e considerando o caso do irmão, vivenciara pessoalmente os efeitos que a doença poderia ocasionar. Não seria, portanto, impossível sugerir que a aflição se relacionava não apenas a seu irmão, mas também ao medo de que ela ou suas irmãs pudessem vir a contrair a enfermidade e ter destino similar a Arthur, isto é, indica-se, então, o medo da morte e, assim, um imaginário marcado por este medo em função da presença da gripe espanhola em Teresina.

Não obstante isto, é interessante ainda o realce feito por Monteiro (1993b) sobre o caso de seu pai, Raimundo Leão Monteiro, de apelido Mundico, e de que modo a gripe espanhola afetou seu cotidiano escolar. Sobre isto o autor traz a seguinte fala de sua tia, Mariquinha Rocha:

Muitos anos depois, minha tia Mariquinha Rocha, ao saber que seu irmão Mundico era muito rigoroso e vigilante nos estudos do filho que era eu, dizia-lhe inflamada: – “O menino não dá trabalho e gosta de estudar! Por que te preocupas tanto? Talvez apenas para aperrear o garoto! Logo tu, que foste sempre um refinado malandro, um péssimo estudante que só conseguiu concluir os preparatórios por que foi salvo pelo “decreto”, baixado pelo governo, por causa da gripe espanhola!” (MONTEIRO, 1993b, p. 287).

Tendo nascido em 1903 e estando com 16 anos na época que a

Augusto de Figueiredo Monteiro enquadra-se nesta questão, portanto, entendemos enquanto uma possibilidade de silenciamento da memória destes sujeitos.

enfermidade grassou em Teresina, o pai de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, possivelmente vivenciou não apenas o medo da doença e da possibilidade de morte que a acompanhava, mas também as alterações que esta provocava no cotidiano social, no caso em questão com o adiamento da abertura das aulas²² nos estabelecimentos de instrução pública.

Ainda que na narrativa de Monteiro (1993b) não se especifique de que modo o decreto “salvou” Raimundo Leão Monteiro, essa perspectiva por parte de sua irmã possivelmente se sucedeu pela possibilidade que o irmão teve de ter mais tempo para estudar, possivelmente, com o adiamento da abertura das aulas em decorrência da pandemia.

Cabe destacar que não é apenas a memória de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e de sua família que ficou marcada pela gripe espanhola, muito menos que teria sido afetada pela enfermidade neste contexto do final de 1918 e início de 1919 quando da passagem da doença pela cidade de Teresina.

Antonio Bugyja Britto²³, em suas “Narrativas autobiográficas”, ao tratar sobre o momento em que viveu na Rua São Pedro, localizada no centro de Teresina, entre outubro de 1918 e agosto de 1919, rememora as mortes e nascimentos de sua família nesta “casa de palhas, de esquina (frente para a Rua São Pedro e lado para a rua que se chama atualmente Quintino Bocaiúva)” (BRITTO, 1977, p. 171).

Tendo entre 12 e 13 anos na época que a pandemia grassou em Teresina as lembranças de Antonio Bugyja Britto traduzem-se em um registro privilegiado acerca das consequências da enfermidade no cotidiano e imaginário social na capital piauiense neste contexto. É assim que rememora a morte do irmão mais novo, Benedito, de apenas 2 anos em decorrência do contágio da enfermidade em novembro de 1918, e o contágio de sua mãe no mês seguinte, ao lembrar que

²² Considerando que Raimundo Leão Monteiro estudava no Liceu, isto é, encontrava-se no ensino secundário, acreditamos que o decreto citado por Monteiro (1993b) refira-se a um decreto similar ao Decreto nº 714 publicado em 11 de janeiro de 1919 pelo governo estadual que determinava por meio de artigo único o adiamento da abertura das aulas dos estabelecimentos públicos de instrução primária para 15 de fevereiro. Na narrativa de Monteiro (1993b) não é discriminado especificamente o decreto que teria afetado os alunos do Liceu Piauiense.

²³ De acordo com Nunes e Castelo Branco (2012), Antonio Bugyja Britto nasceu na cidade de Oeiras (PI) no início do século XX, especificamente no ano de 1907, tendo falecido em 1992 no Rio de Janeiro (RJ). No decorrer de sua vida bacharelou-se em Direito, tendo sido ainda jornalista e membro da Academia Piauiense de Letras.

[...] A primeira a falecer em novembro de 1918 tinha sido acometida, benignamente, pela Hespânica, que grassou em Teresina durante uns 6 meses, matando mais de 200 pessoas, e é possível que a doença tivesse deixado, no paciente, um enfraquecimento geral.

A minha Mãe esteve prestes a falecer em virtude da Hespânica, em fins de dezembro (1918). Ela tinha sido acometida desse mal epidêmico em princípios de dezembro. Já estava em convalescença quando teve vontade de comer doce de goiaba. A mando dela eu fui comprar uma lata, que custou naquela ocasião 1\$800 (mil e oitocentos réis). Ingerido o doce que afetou o fígado, ela começou a passar mal e, se não fosse uma injeção, aplicada pela mão perita do médico, o Dr. Vaz da Silveira, ela teria morrido, deixando a mim e outros filhos em plena orfandade (BRITTO, 1977, p. 172).

Assim como em outras fontes trabalhadas no decorrer desta narrativa chama-nos atenção em suas lembranças o modo como a doença marcou seu imaginário de modo similar, sendo possível perceber não apenas a presença da morte entre seus entes queridos, mas o medo desta possibilidade, refletido em sua narrativa memorialística pela probabilidade de se tornar órfão no caso de sua mãe vir a falecer.

Ao observarmos, então, esta narrativa, e ao considerá-la enquanto uma produção de si, é possível perceber como o sujeito é assinalado por uma “[...] fragmentação e incompletude de suas experiências [...]” e, desta maneira, por ser “[...] um indivíduo simultaneamente uno e múltiplo, [...] experimenta temporalidades diversas em sentido diacrônico e sincrônico” (GOMES, 2004, p. 13). Desse modo,

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. (GOMES, 2004, p. 13).

Assim, as práticas culturais que asseveram uma produção, portanto uma escrita de si, como a operação de rememoração e o seu registro, permitem não somente a análise acerca do imaginário social do indivíduo, mas como este é assinalado por questões diversas relacionadas ao seu tempo presente e que

marcam os modos como este pensa o contexto em que vive. Deste modo, ao tempo em que podemos perceber esta fonte enquanto uma produção de si, devemos considera-la enquanto um espaço privilegiado para discutir sobre as sensibilidades e as percepções de mundo e de tempo que o sujeito elencou durante um período singular que modificou sensivelmente seu cotidiano, notadamente a pandemia da gripe espanhola (GOMES, 2004).

Além disso, é interessante também a vinculação da doença a um “mal”, sendo possível identificar novamente a racionalização judaico-cristã fazendo-se presente, isto é, percebendo a doença enquanto algo maligno, possivelmente um castigo divino, ao invés de um evento “natural”, tendo ocorrido situações semelhantes em outros momentos que a humanidade enfrentou surtos epidêmicos ou pandemias (TUAN, 2005).

Interessa-nos ainda em sua narrativa outras duas questões: o tempo indicado pelo sujeito que seu irmão teria sido acometido pela doença e as estimativas de mortos. Diferente dos outros documentos que tivemos acesso e analisamos para esta narrativa, as lembranças de Antonio Bugyja Britto são as únicas que encontramos até o momento da escrita deste texto que apontam a presença da doença em Teresina já em novembro, enquanto as demais fontes se referem a fins de 1918 ou especificamente ao mês de dezembro²⁴.

Por fim, o outro ponto que nos chama a atenção refere-se a estimativa feita pelo autor em suas lembranças sobre o número de mortos que a doença teria provocado em Teresina em fins de 1918 e no primeiro semestre de 1919. Com estimativa girando em torno de 200 óbitos e, assim, corroborando não apenas com a documentação do governo estadual da época, mas também com os poucos parágrafos destinados nas obras de memória sobre a presença da gripe no Piauí, diferentemente de como esta marcou a memória em outras localidades, como o Rio de Janeiro (GOULART, 2003).

Assim, a gripe espanhola, do mesmo modo como em outras localidades, também fez parte do cotidiano piauiense. Não apenas ceifou vidas, mas também

²⁴ Schwarcz e Starling (2020, p. 16) também apontam que a doença teria chegado em Teresina, possivelmente, em novembro de 1918 ao afirmarem que: “Em novembro, o vírus saltou do vapor *Pará*, em Fortaleza. De lá se instalou em Teresina; permaneceu infectando o Piauí durante os três primeiros meses de 1919”. Não fica claro, no entanto, pela narrativa das autoras se o vírus teria chegado no mesmo mês que chegou em Fortaleza também em Teresina ou se teria sido no mês seguinte.

afetou de forma sensível o imaginário social, provocando o medo da enfermidade, modificando o dia a dia em Teresina, bem como levando a reações diversas frente a moléstia, seja buscando formas de tratá-la, conforme registros presentes no periódico “O Estanhado”, ou mesmo a ações tomadas pelo governo do estado para auxiliar a população nas cidades afetadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta narrativa refletimos que entre os anos de 1918 e 1919, fins da primeira grande guerra, a gripe espanhola apresentou-se ao mundo causando mortes, desespero, movimentando países, capitais, cidades, vilas e campos. Ingressou no Brasil em setembro de 1918, por vias navegáveis através da embarcação a vapor Demerara, desembarcando junto aos passageiros, o medo, contágio e mortes.

Ao chegar ao Piauí, pelo litoral em fins de 1918, a enfermidade ingressa para o interior do estado, alastrando-se, por diversas cidades. Constatamos que a gripe espanhola provocou no estado do Piauí medidas emergenciais de saúde pública, provocando acordos entre o governo do estado e instâncias federais, com a criação de locais para o isolamento dos doentes e investimentos nas poucas instituições de saúde existentes, especialmente na capital Teresina. Também afetou o imaginário social da época neste estado, ocasionando medo em relação aos isolamentos, quarentenas, sintomas e mudanças no cotidiano, provocando ainda a busca por tratamentos diversos, que envolviam desde as crenças religiosas, conhecimento de plantas e ervas aos saberes científicos de farmacêuticos e médicos.

Dessa forma, a partir do suporte documental e bibliográfico analisado, foi possível refletir sobre os temores que a presença de uma doença, até então desconhecida, portanto, delegada a variadas nomenclaturas, sintomas e tratamentos diversos e ineficazes, afetou o estado, provocando o medo em torno do contágio e morte, desorganizando o cenário social da época, sem fazer distinções ao hospedar-se no território piauiense. Fazendo ressoar entre os indivíduos a seguinte afirmação: Infelizmente não escapámos á moléstia da guerra!

REFERÊNCIAS

A INFLUENZA Espanhola. **O Estanhado**, União, ano 3, n. 62, p. 2, 12 nov.1918.

A INFLUENZA. **O Estanhado**, União, ano 3, n. 68, p. 7, 25 jan.1919.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: EDUSC, 2007.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. **Cotidiano e imaginário: um olhar historiográfico**. Teresina: EDUFPI; Instituto Dom Barreto, 1997.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina**. Teresina: EDUFPI, 2010.

ARAÚJO, Romão Moura de. **“Saúde, uma das nossas reais necessidades!”: o processo de institucionalização da saúde pública no Piauí (1910 a 1930)**. 100 f. 2018. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **Entre o porto e a estação: histórias da vila de Amarração no litoral do Piauí (1880-1930)**. Teresina: Cancioneiro, 2023.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **Uma província enferma: medo e cólera no Piauí na segunda metade do século XIX**. Teresina: Cancioneiro, 2022.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Do “assombro” à morte: possibilidades de se pensar o medo, varíola e raiva no Piauí na segunda metade do século XIX. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v.10 n. 25, p. 64-79, jan./jul.2021.

BERTOLLI FILHO, Claudio. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Campinas: Unicamp, 2004.

BERTUCCI, Liane Maria. Os paulistanos e as faces do medo durante a gripe espanhola. In: MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: FAP/UNIFESP, 2012.

BRAZIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. **Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920**. População. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1928. v. 4 (2ª parte), Tomo II.

BRITTO, Antonio Bugyja. **Narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1977.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FREITAS, Clodoaldo. **História de Teresina**. São Paulo: Mentis abertas, 2020.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Dicionário histórico-biográfico piauiense 1718-1993**. 2. ed. Teresina: Júnior, 1993.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Grande Dicionário Histórico-Biográfico piauiense 1549 – 1997**. Teresina: [s.n.], 1997.

GOULART, Adriana da Costa. **Um cenário mefistofélico**: gripe espanhola no Rio de Janeiro. 2003. 214 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

IGLÉSIAS, Francisco de Assis. **Caatingas e Chapadões**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.

LEMOES, Mayara de Almeida. Asquerosa enfermidade: cólera no Ceará. *In*: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André (org.). **No rastro das províncias**: as epidemias no Brasil oitocentista. Vitória: EDUFES, 2019. p. 90-111.

MELO FILHO, Antônio. **Saúde Pública no Piauí (1889-1930)**: entre o enfoque nacional e experiência local. 200. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Rua da Glória, Livro 1**: rumo a cidade nascente. Florianópolis: [s. n.], 1993a.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Rua da Glória, Livro 2**: as armas e as máquinas (1896 – 1921). Florianópolis: [s. n.], 1993b.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Rua da Glória, Livro 3**: no tempo dos revoltosos (1921 – 1934). Florianópolis: [s. n.], 1993c.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Rua da Glória, Livro 4**: o tamanho de uma esperança (1935 – 1945). Florianópolis: [s. n.], 1993d.

MOURA, Alexandre Sampaio. **Endemias e epidemias**: dengue, leishmaniose, febre amarela, influenza, febre maculosa e leptospirose. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2012.

NERY, Ana Karoline de Freitas. **Políticas Públicas de Saúde, Doenças e Medicamentos em Teresina durante as décadas de 1930 e 1940**. 2021. 228 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

NUNES, Bárbara Silva; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Narrativas autobiográficas e masculinidades em Teresina (1900 -1940). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 6., 2012, Teresina. **Anais [...]**. Teresina: UFPI, 2012. p. 1-11.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIMENTA, Tânia Salgado. **O Exercício das Artes de Curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)**. 2003. 256 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCHWARCZ; Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murge. **A bailarina da morte**: a gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PIAUHY. **Mensagem Apresentada à Câmara Legislativa á 1º de junho de 1899 pelo Dr. Raymundo Arthur de Vasconcelos governador do Estado**. Teresina: Typ. do Piauhy, 1899.

PIAUÍ. Câmara Legislativa do Piauí. **Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Snr. Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar, Governador do Estado em 1º de junho de 1919**. Teresina: Typ d' "O Piauhy", 1919.

PIAUÍ. Câmara Legislativa do Piauí. **Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Snr. Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar, Governador do Estado a 1º de junho de 1920**. Teresina: Typ. do "O Piauhy", 1920.

PIAUÍ. Governo do Estado. **Decreto n. 714**. Publicado em 11 de janeiro de 1919. Teresina: Typ. do "O Piauhy", 1919.

PIAUÍ. Secretaria de Segurança Pública. **Relatório da Santa Casa de Misericórdia**. Teresina, 1917.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da Imprensa no Piauí**. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Economia piauiense**: da pecuária ao extrativismo. Teresina: EDUFPI, 1998.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

REGO, Junia Mota Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos mares**: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950). 2010. 305 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROCHA, Aleisa de Sousa Carvalho. **A assistência à saúde e à pobreza**: um estudo sobre a Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba entre 1915 a 1930. 2021. 143 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

SILVA, Rafaela Martins. Seca e doenças em Teresina: a Santa Casa de Misericórdia e a assistência médica aos pobres na cidade (1877 – 1915). **[SYN]THESIS**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 96-106, maio/ago. 2020.

SILVA, Rodrigo Caetano. Teresina (Piauí – Brasil), uma capital escravista: relações sociais e trabalho escravo durante a segunda metade do século XIX. **Revista de História da UEG**, Anápolis (GO), v. 5, n. 1, p. 157-176, jan./jul. 2016.

SOUZA, Christiane Maria Cruz. **A Gripe Espanhola na Bahia**: saúde, política e medicina em tempos de epidemia. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2005.

VIEIRA, Lêda Rodrigues. **Caminhos de ferro**: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960. Teresina, 2010. 247 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

Recebido em 20-09-2024 .

Aprovado para publicação em 18-12-2024.